

“Amarga Cana...”: Representações Sociais do Trabalho na Atividade de Corte de Cana-de-Açúcar na Região de Ituiutaba-MG

ALESSANDRO GOMES ENOQUE

Universidade Federal de Uberlândia (Campus do Pontal)
alessandroenoque@pontal.ufu.br

ALEX FERNANDO BORGES

Universidade Federal de Lavras
alexfborges@gmail.com

ALINE CORDEIRO DOS SANTOS

Universidade Federal de Uberlândia
enila_acsantos@hotmail.com

“Amarga Cana...”: Representações Sociais do Trabalho na Atividade de Corte de Cana-de-Açúcar na Região de Ituiutaba-MG

1. Introdução

A atividade de colheita de cana-de-açúcar, apesar do atual nível de implementação agrícola, inovação e desenvolvimento tecnológico do setor (DUNHAM; BOMTEMPO; FLECK, 2011; JUNQUEIRA; STERCHILE; SHIKIDA, 2009; LUSTOSA; BARBOSA FILHO, 2010), continua apresentando desafios e problemáticas em termos de condições do trabalho humano (ROCHA; MARZIALE; HONG, 2010). É fato recorrente, neste contexto, a participação de um grande contingente de trabalhadores (MORAES, 2007), em sua maioria migrantes (LUZ *et al.*, 2012), que atuam em canaviais das mais diversas regiões do Brasil.

Não obstante as iniciativas de regulamentação trabalhista do setor (RUMIN; SCHMIDT, 2008), os cortadores de cana enfrentam, em geral, situações dramáticas no campo. Durante o corte manual ou mecanizado da cana-de-açúcar, os trabalhadores são expostos a longas jornadas e a um local de trabalho que apresenta múltiplas situações de risco à saúde (ROCHA; MARZIALE; HONG, 2010). O processo de trabalho na colheita da cana compreende: a) deslocamento precário de trabalhadores em caçambas de caminhões (os chamados “pau-de-arara”); b) queimada da cana em etapa imediatamente anterior ao corte; c) movimentos repetitivos com enxadas e foices para o corte da cana, associados à postura inadequada (posição arqueada e frequentes subidas e descidas); d) exposição a animais peçonhentos localizados entre as varas de cana; e) transporte de grande quantidade de varas de cana entre o local de corte e o caminhão que as conduzirá aos engenhos, podendo chegar a quatorze toneladas em um único dia (PERES, 2009). Neste sentido, revelam-se condições insalubres, de risco à saúde do cortador de cana, levando à uma (re)produção da precarização do trabalho rural, imputando desafios no sentido de alcance de soluções que superem essa problemática e, até mesmo, permitam possibilidades de emancipação do cortador de cana (SILVA, SACHUK, 2012).

Embora a dramática situação relacionada às condições de trabalho destes indivíduos seja alvo de ampla divulgação em diferentes mídias (nacional e regionais), bem como alvo de pesquisas acadêmicas e problematização científica, sua real situação no contexto da região de Ituiutaba – Minas Gerais, apresenta-se, ainda, de maneira obscura. Sendo assim, questiona-se: quais são as representações atribuídas ao trabalho por parte de cortadores de cana-de-açúcar da região de Ituiutaba, Minas Gerais? Para responder a esta questão de pesquisa, o objetivo deste artigo consiste em compreender, a partir de uma abordagem psicossocial, as representações sociais do trabalho na atividade de corte de cana-de-açúcar. Para tanto, foram estudados, por meio de pesquisa qualitativa fundamentada na técnica de análise do discurso, trabalhadores rurais do setor sucroalcooleiro que atuam na cidade de Ituiutaba, situada na região do Triângulo Mineiro, Minas Gerais.

Este artigo encontra-se estruturado nas seguintes seções, além desta introdução: Representações Sociais; Procedimentos Metodológicos; As Representações Sociais do Trabalho de Corte de Cana em Ituiutaba-MG (envolvendo a) ser migrante, b) o trabalho, e c) a organização do trabalho); Considerações Finais; e Referências.

2. Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais é um meio sociológico da Psicologia Social (FARR, 1995) que possibilita apreender e interpretar as diferentes representações sociais produzidas pelos sujeitos investigados (LESCURA; BRITO; BORGES; CAPPELLE, 2012). No Brasil, existem diversos estudos que utilizam as abordagens da Psicologia Social e da Teoria das Representações Sociais aplicadas ao campo da Administração e, particularmente, ao campo dos Estudos Organizacionais, lançando luzes sobre problemáticas associadas ao trabalho e suas diferentes possibilidades e implicações (SALLES; COSTA, 2013; AZEVEDO *et al.*, 2012; BORGES; MEDEIROS; CASADO, 2012; OLIVEIRA *et al.*, 2010; IRIART *et al.*, 2008; OTENIO *et al.*, 2008; CORREA *et al.*, 2007; GUI, 2002; ANDRADE *et al.*, 2002).

É fato comumente aceito que a noção de representações sociais, formalmente delineada no trabalho seminal de Serge Moscovici, *La psychanalyse, son image e son public*, publicado no ano de 1961, é credora do conceito durkheimiano de representações coletivas. Tal noção apresenta-se, aliás, como um ponto de inflexão na obra do segundo autor ao deslocar seu interesse da ênfase da morfologia social, fundamento principal dos fatos sociais (DURKHEIM, 1999a, 1999b) para a valorização do simbólico como elemento explicativo da realidade. Esta transição, materializada nas obras *Formas elementares da vida religiosa* (DURKHEIM, 2003) e *Sociologia e Filosofia* (DURKHEIM, 1970), eleva a categoria das representações coletivas como arcabouço teórico fundamental das análises sociológicas do referido autor a partir de então. Tal importância pode ser facilmente comprovada na análise que Durkheim (2003) estabelece acerca das religiões primitivas, bem como o papel das mesmas no rol das representações. Para o autor, “(...) os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si próprio são de origem religiosa” (DURKHEIM, 2003, p.15).

É através da analogia com os sistemas biológicos/mentais, aliás, que o autor traça sua análise das representações coletivas. Para Durkheim (1970), a sociedade teria como substrato o conjunto dos indivíduos associados, da mesma forma que a vida psíquica tem por base as estruturas biológicas. Nesta perspectiva, “(...) as representações que são a trama dessa vida, originam-se das relações que se estabelecem entre os indivíduos assim combinados ou entre os grupos secundários que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade total” (DURKHEIM, 1970, p.33). É importante destacar, neste ponto, a noção durkheimiana de que as representações coletivas nascem de um processo elaborativo e cooperativo, mas não de seus indivíduos considerados isoladamente. Nas palavras do autor, “(...) os sentimentos privados apenas se tornam sociais pela sua combinação, sob a ação de forças *sui generis*, que a associação desenvolve” (DURKHEIM, 1970, p.34). Em decorrência deste processo cooperativo, estes sentimentos privados seriam transformados em “outra coisa” exterior a dimensão particular. Tais representações, de natureza independente do universo individual, emanariam, portanto, para o autor, seu caráter obrigacional e coercitivo, como pode ser facilmente observado nas manifestações e práticas religiosas.

É interessante notar que, para Durkheim, os sentimentos privados, sendo divergentes por definição, seriam neutralizados e apagariam mutuamente no plano coletivo. Durkheim (1970), neste sentido, não admite a possibilidade de que determinados grupos sociais possam impor suas visões particulares para o restante da coletividade, negligenciando o papel da ideologia na construção das representações coletivas. Há que se destacar, no entanto, o fato de que, para o autor,

(...) o todo não se forma senão pelo agrupamento das partes e este agrupamento não se faz em um instante, por um milagre repentino; há

uma série infinita de intermediários entre o estado de isolamento puro e o estado de associação caracterizada (DURKHEIM, 1970, p.37).

De acordo com o fragmento acima, embora o autor não inclua, como em Moscovi, a ideia de universo reificado na conformação das representações coletivas, o mesmo admite o papel dos grupos primários (família) e secundários (escola) no processo de elaboração das mesmas. A construção das representações coletivas seria, portanto, um processo elaborativo, cooperativo e, essencialmente, histórico.

Conforme Pereira de Sá (1993), o escopo explicativo da teoria durkheimiana de representações coletivas poderia parecer suficiente ao contexto do início do século XX (época do lançamento de *Formas Elementares da Vida Religiosa*). Os novos fenômenos representacionais da sociedade contemporânea não poderiam ser abarcados, no entanto e segundo o próprio autor, pela noção de representações coletivas. Para Pereira de Sá (1993), é neste contexto específico que a abordagem psicossociológica de Moscovici e seu consequente conceito de representações sociais parece fazer sentido. Além disto, a tentativa de uma nova compreensão do campo da psicologia social por Moscovici ressalta, conforme Lane (1993), uma situação de extrema insatisfação com o saber tradicional desenvolvido pela psicologia americana.

Esta “nova” compreensão do campo da psicologia social procurava, basicamente, acentuar o caráter social de fenômenos intraindividuais, buscando superar deficiências do conceito de percepção e cognição.

A Psicologia Social procura superar esta dicotomia (individual/social) visualizando o indivíduo e suas produções mentais como produtos de sua socialização em um determinado segmento social. A individualidade, nesta perspectiva, emerge como uma estrutura estruturada que tem potencial estruturante (SPINK, 1993, p.304)

Para Sawaia (1993, p.76), o conceito de representações sociais de Moscovici poderia ser descrito como sendo o conjunto de “(...) modalidades de conhecimento particular que circulam no dia-a-dia e que têm como função a comunicação entre indivíduos, criando informações e nos familiarizando com o estranho de acordo com categorias de nossa cultura, por meio da ancoragem e da objetivação”. Em uma perspectiva semelhante, Spink (1993, p.300) define representações sociais como sendo “(...) modalidades de conhecimento prático, orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos”. Ainda de acordo com a autora,

(...) são (...) formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos – imagens, conceitos, categorias, teorias -, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam (SPINK, 1993, p.300).

No que se refere às definições propostas acima, alguns elementos importantes devem ser destacados. Em primeiro lugar, a tipificação das representações coletivas como sendo uma

modalidade de conhecimento “prático”, do “dia-a-dia” representa uma ampliação não só do campo da psicologia social, mas, também, da própria sociologia do conhecimento. A dicotomia entre universos reificados e universos consensuais de Moscovici exemplifica, neste sentido, uma nítida separação entre um conhecimento de cunho erudito (próprio da ciência, por exemplo) e outro de senso comum. Tal separação (reificado/consensual), aliás, lança luzes importantes acerca das condições de produção e reprodução dos discursos dos diversos grupos sociais, bem como no papel dos aparatos ideológicos.

De acordo com Spink (1993, p.305), o estudo das representações sociais revelaria, ainda, a “(...) concomitância de conteúdos mais estáveis e de conteúdos dinâmicos, mais sujeitos a mudança”. As representações sociais seriam, neste sentido, palco tanto de permanências culturais quanto da diversidade e instabilidade. Tal diversidade levaria, segundo a autora, a compreensão das representações sociais como sendo um elemento fundamentalmente processual, com a função social de criação e manutenção de uma determinada ordem social. Para Spink (2004) as representações sociais são fruto não apenas de concepções históricas, mas do aqui e agora; são construções que situam o indivíduo, dando-lhe identidade social. Spink (1995) acrescenta ainda que as representações sociais podem ser entendidas como uma espécie de saber prático, porque se inserem, nesse sentido, nas correntes que estudam o conhecimento do senso comum.

Neste sentido, a função das representações sociais seria a de atuar como um elemento que “familiariza o estranho”. Tal processo, denominado por Moscovici como “ancoragem” e por Berger e Luckmann (2005) como “esquemas tipificadores”, consiste em uma domesticação daquilo que não compreendemos, do novo. É importante destacar, no entanto, que tal “ancoragem” (ou tipificação) seria feita a partir de representações já existentes.

O outro processo envolvido na elaboração das representações sociais seria o da “objetivação”. Conforme ressaltado por Spink (1993, p.306), “(...) a objetivação é essencialmente uma operação formadora de imagens, o processo através do qual noções abstratas são transformadas em algo concreto, quase tangível (...)”. Para Pereira de Sá (1993, p.39), “(...) a objetivação (...) consiste em uma operação imaginante e estruturante, pela qual se dá uma forma – ou figura – específica ao conhecimento acerca do objeto, tornando concreto, quase tangível”. É importante destacar que o processo de objetivação serviria, ainda, como elemento de cristalização dos universos simbólicos de uma determinada sociedade.

Um terceiro ponto importante a ser abordado diz respeito ao papel da linguagem como um elemento fundamental na construção do universo das representações sociais. Não é de se estranhar, portanto, que Berger e Luckmann (2005) apontem que as objetivações comuns da vida cotidiana são mantidas, primordialmente, pela significação lingüística. Para os autores, a participação na vida cotidiana, e sua potencial transcendência, somente é possível a partir da existência de um sistema de sinais vocais, denominado linguagem. Tal noção aproxima, consideravelmente, os universos da sociologia e da psicologia aos da lingüística, possibilitando o uso de metodologias de análise da última no estudo das representações sociais.

3. Procedimentos metodológicos

Este trabalho é estruturado por meio da abordagem qualitativa de pesquisa. A pesquisa qualitativa consiste em um método relevante e mais adequado para apreender a dinâmica de fenômenos vinculados ao empreendedorismo e que, ao mesmo tempo, são revestidos por aspectos culturais e simbólicos, aspectos estes de natureza mais subjetiva e improvável de ser identificada por meio de métodos tradicionais funcionalistas/quantitativos. Isto se deve,

sobretudo, ao seu caráter circular e reflexivo e a seu caráter epistemológico subjetivista (GODOI; BALSINI, 2006). Ao estabelecer esse caráter subjetivista como pano de fundo, parte-se do pressuposto de que a realidade é socialmente construída (BERGER; LUCKMANN, 2005).

A pesquisa de campo foi orientada a partir da necessidade de identificação e investigação de sujeitos inseridos na realidade do setor sucroalcooleiro do Brasil, e particularmente, na atividade de colheita da cana-de-açúcar. Para tanto, buscou-se trabalhadores que estavam alocadas nessa atividade específica de corte da cana e que atuavam na região de Ituiutaba, Minas Gerais. Nesta perspectiva de seleção dos sujeitos de pesquisa, ressalta-se que o pesquisador possui ampla liberdade no sentido de buscar aqueles indivíduos que, de alguma forma, possam contribuir, consideravelmente, para a compreensão do fenômeno pesquisado.

No que diz respeito à técnica de coleta de dados, optou-se pela entrevista semiestruturada (GODOI; MATTOS, 2006). Foram realizadas entrevistas, com duração média de 60 minutos, junto a 12 (doze) trabalhadores da atividade de corte de cana-de-açúcar, distribuídas no período de fevereiro a maio de 2011. Foram empregadas, neste trabalho, as abordagens de Bryman (1992) e Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001), que caracterizam esta técnica em termos de um grau intermediário de estruturação entre a entrevista dirigida e a não-diretiva, que proporciona ao entrevistador um maior grau de liberdade no decorrer do processo de investigação. De acordo com estas abordagens, o investigador utiliza um roteiro prévio de alguns pontos que ele acredita serem relevantes, e deixa com que o entrevistado construa seu próprio discurso e, conseqüentemente, dê sentido à sua própria realidade. No decorrer da entrevista, no entanto, o pesquisador pode investigar mais profundamente pontos que, embora não estivessem no roteiro original, possam ser relevantes para a compreensão do fenômeno estudado.

Na medida em que falam de sua própria realidade, os entrevistados deixam transparecer, além dos fatos objetivos, elementos subjetivos que podem ajudar a esclarecer o fenômeno pesquisado. Para Cardoso (1999, p.21), o discurso seria resultado “(...) do reconhecimento de que a linguagem tem uma dualidade constitutiva e que a compreensão do fenômeno da linguagem não deve ser buscada apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas num nível situado fora do polo da dicotomia língua/fala”. Neste sentido, o procedimento de análise de dados efetuado neste trabalho insere-se no campo da análise de discurso de inspiração francesa (FIORIN, 2003; MAINGUENEAU, 1998; IÑIGUEZ, 2005). Tendo como objetivo fundamental a transposição do limite formal do enunciado e uma aproximação do universo semântico (principalmente em seu aspecto ideológico), o campo da análise do discurso nasce no horizonte do marxismo francês da década de 1960 e avança, sobremaneira, sobre outras disciplinas como a Sociologia, a Antropologia e a própria área de Estudos Organizacionais. Uma vez que as representações sociais do trabalho de corte da cana-de-açúcar seriam apreendidas no campo do discurso, entendeu-se que tal abordagem seria a mais adequada na compreensão das condições de produção e reprodução de tal atividade no contexto da Região de Ituiutaba-MG.

4. As Representações Sociais do Trabalho de Corte da Cana em Ituiutaba-MG

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa, com base no quadro teórico construído, objetivando compreender as representações sociais do trabalho de corte de cana-de-açúcar. Para tanto, os dados coletados junto aos trabalhadores rurais situados na cidade de Ituiutaba-MG serão explorados à luz da técnica de análise do discurso, de modo

a compreender o sentido atribuído ao trabalho no setor sucroalcooleiro. A análise será subdividida em três eixos centrais, quais sejam: ser migrante, o trabalho, e a organização do trabalho.

4.1. Ser migrante

A seleção lexical do fragmento discursivo (001) explicitamente associa o indivíduo alocado na atividade do corte de cana-de-açúcar no município de Ituiutaba-MG com a condição de ser migrante. Não há, como pode ser visto acima, uma clareza por parte do entrevistado acerca da origem geográfica desta migração. Neste sentido, o fragmento apresenta figuras explícitas de regiões como o “norte de minas”, “Maranhão”, “Piauí”, “Alagoas” e “minas mesmo”. Pode-se dizer, no entanto, que há um pressuposto implícito no fragmento discursivo (001) de que as regiões exportadoras de mão-de-obra para o corte de cana na região de Ituiutaba-MG são, em sua maioria pobres, uma vez que os indivíduos alocados nesta atividade apontam a busca por melhores salários como condição principal para sua migração.

(001) o corte manual é engraçado, e a maioria desse pessoal ao longo desse anos todos o cortador é imigrante, migrante do norte de minas, migrante do maranhão, Piauí, alagoas, do Goiás e de minas mesmo. (...) Isso é muito complicado por que essas pessoas às vezes vem pra região indiretamente por dinheiro (...). (Entrevistado 05)

Tal realidade pode ser comprovada, ainda, pelo fragmento discursivo (002) que aponta, explicitamente, que o motivo principal do movimento migratório seria a busca por melhores condições salariais. Há, por assim dizer, uma percepção clara da diferença entre os salários recebidos pelo trabalhador em sua região de origem e aqueles potencialmente ganhos em sua nova atividade (corte de cana). Nota-se, neste sentido, que as condições de produção dos discursos do enunciador remetem a uma posição desprivilegiada na sociedade. Cumpre destacar, ainda, que a importância do dinheiro como motivo principal da migração pode ser visualizada pelo uso da sintaxe discursiva “dava mais dinheiro que lá” em dois momentos do fragmento.

(002) sabia que o pessoal tava vindo pra cá e dava mais dinheiro que lá, sempre deu...e dava mais dinheiro que lá... E eu pretendia vim pra cá, pra ganha mais um pouco que lá. (Entrevistado 01)

Convêm destacar uma potencial relação, no fragmento discursivo (003), entre o processo migratório vivenciado por estes indivíduos como sendo uma “morte simbólica” dos mesmos. Tal constatação pode ser visualizada sob a ótica do tema “mulheres viúvas de maridos vivos”. A separação geográfica e familiar poderia ser compreendida, neste sentido, como uma “morte” que dura cerca de oito meses (tempo de duração da colheita) e que carrega, em si, elementos de privação (limitação de alimentos e péssimas condições de habitação). Haveria, implicitamente, a idéia deste momento de morte e privação como potencialmente associada a figura do “purgatório” cristão.

(003) tem pessoas que vem pra essa região imaginando que vai ganhar muito dinheiro aqui, e com isso na região que é tão pobre no norte de minas mesmo no vale do Jequitinhonha e no nordeste muito lá, é conhecido, as mulheres são viúva de maridos vivos por que muitos

saem de lá e ficar oito meses ou até mais longe da família pra tentar levar o mínimo de recurso de volta e esse cidadão vem pra cá e normalmente alimenta mal, moram em péssimas condições e por mais que a gente brigue com o ministério do trabalho essa situação não muda. (Entrevistado 05)

Conforme pode ser observado no fragmento discursivo (004), esta “viagem” dura, em média, cerca de 03 (três) dias, uma vez que os pontos de origem do movimento migratório encontram-se, principalmente, em cidades da região Nordeste. O uso da repetição ao longo do fragmento (“Três dias...Três dias”) demonstraria, de alguma forma, a aridez associada a viagem.

(004) Três dias... Três dias, contando com as noites, porque roda a noite inteira e o dia inteiro, aí dar se a gente sair a tarde roda a noite, um dia e uma noite e vai chegar de manhazinha. (Entrevistado 01)

Cumpram destacar, ainda, o custo associado a estas viagens. Conforme pode ser observado no fragmento discursivo (005), que encontra-se em consonância com outras entrevistas, o custo da viagem gira em torno de R\$ 220,00 a R\$ 280,00, sendo que o mesmo é arcado pelo próprio trabalhador. Faz parte deste fragmento discursivo o personagem do “transportador” ou “gato” como um elemento que explora o “sonho” do cortador através da cobrança de passagens de valor elevado. Deve-se destacar, no entanto, que este “gato” não é, de forma alguma, um elemento desconhecido da maioria destes trabalhadores. O fragmento discursivo (006) aponta, explicitamente, tal realidade ao afirmar que este indivíduo é “(...) um homem conhecido que trás o pessoal de lá”. Há que se destacar, no entanto, a precariedade deste transporte que, como apontado no fragmento (007) é de natureza clandestina. Conforme pode ser observado, a existência de acidentes ou quebra de peças parece ser uma constante nesta viagem.

(005) Na época cobrou R\$ 220,00, agora ta uns R\$ 280,00... (Pausa) Eles aproveitam... E bastante. (Risos) (Entrevistado 09)

(006) Não ô, é que tem, tem geralmente um homem que é conhecido que trás o pessoal de lá... Sempre todo mês ele ta indo, sempre ele ta indo aí tem o pessoal. (Entrevistado 02)

(007) É mais ou menos sabe que não é de linha não, é clandestino. Que geralmente eles quebram, é ta quebrando, acontece acidente, falta de motorista e também não tem (Entrevistado 02)

O fragmento discursivo (008) apresenta uma interdiscursividade explícita. De um lado, o discurso da potencial prosperidade na nova região, representado pelo trecho “o pessoal chega lá na nossa cidade e fala que é fácil ganhar dinheiro” contrapõe-se com a dura realidade no momento do desembarque (“aí quando chega aqui é só para você ver que é muito difícil”). O uso da ironia, representado pelos termos “ralar a ufa” (trabalhar muito) e “nego veio” contrapõe-se, também, a dureza da realidade encontrada.

(008) Há... Por que, que geralmente quando o povo chega aqui, o pessoal chega aqui na cidade que arruma o serviço fala que tudo é bom, né... Tudo é fácil... Chega lá na nossa cidade e fala que é fácil de

ganhar dinheiro, aí quando chega aqui é só pra você ver que é muito difícil, tem que rala a ufa nego veio. (risos) (Entrevistado 03)

Um último aspecto importante acerca da dura realidade encontrada por estes trabalhadores migrantes diz respeito as condições de habitação encontradas. Conforme pode ser visto nos fragmentos (009) e (010), as casas encontradas para morar são extremamente precárias (“uma casa que não tinha banheiro, não água, não energia, não tinha nada”) e com um custo relativamente elevado para os padrões destes trabalhadores (R\$ 90,00 por pessoa). Conforme destacado no fragmento abaixo, a opção por morar na rua durante um determinado período de tempo consiste em uma estratégia potencial para estes trabalhadores (“Tem que viver na rua mesmo, quando a gente chegou foi assim”).

(009) Não tinha casa aqui não cara o trem foi complicado quando eu cheguei, cheguei uma duas horas da manha, aquele monte de gente, sabe? Que numa rua parado pra arrumar casa, pra procurar. Aí veio umas mulheres e menino pequeno, né... Aí quando foi dando cinco horas, o povo foi se acomodando no cantinho das paredes e os outros foi procurar a casa, lá com o pessoal que veio, né. Em poucos dias nós arrumou uma casinha aqui no novo tempo, uma casa que não tinha banheiro, não água, não energia, não tinha nada. (...). É difícil demais viu, você chega não nem casa pra se acomodar, não tem nada... Tem que viver na rua mesmo, quando a gente chegou foi assim. (Entrevistado 04)

(010) E as condições deles as casa que eles alugam que eles vivem são casas muito precária aqui o pessoal explorar muito no aluguel e sabe por que são pessoas que precisam então são casas muito pequenas com sala, cozinha, quarto e banheiro é 150, 200 reais e tinha uma casa que eles eram um grupo de pernambucano era uma casa muito precária 2 quartos 1 banheiro mais assim muito sujo em volta e eles pagavam 90 reais por pessoa então eles cobravam por pessoas então eles eram em 8 eles pagavam 700 e pouco reais então assim é muita exploração é impossível você cobra esse valor pela casa. (Entrevistado 08)

4.2. O Trabalho

De acordo com o fragmento lexical (011), o trabalho do corte de cana-de-açúcar na região de Ituiutaba-MG apresenta contornos de precariedade e, sobretudo, de insalubridade. Conforme pode ser observado abaixo, há uma clara associação entre a atividade e a idéia de sofrimento. O trabalho não é visto como um fonte potencial de prazer e, sim, de um sofrimento que perpassa a penosa jornada diária de trabalho, que inicia-se às 3:30h e dura até às 17:30h, bem como o calor da exposição ao sol (fragmento discursivo 012) e o desgaste físico do corpo (fragmento 013). Nota-se, ainda, que, uma vez que as mulheres encontram-se em suas regiões de origem, cabe aos próprios trabalhadores um exercício de dupla jornada no que tange aos afazeres domésticos. Neste sentido, as atividades de lavar roupa e fazer comida, tipicamente femininas, são feitas pelos trabalhadores fora da jornada de trabalho normal.

(011) E o trabalho deles é muito sofrido, eles levantam de manha, e esses que são grupos de homens tem que fazer a comida acorda mais cedo acordam 3:30 da manha e eles pegam o ônibus mais ou menos 04:30 da manha depois volta entre 17:00, 17:30 da tarde e eles tem o horário para parar que é 15:30, 16:00 é um trabalho muito longe que as vezes anda uma hora, uma hora e meia ai eles chegam numa base de 17:00, 17:30 em casa ai eles tem que lavar a roupa, tem que fazer a comida então assim é um trabalho bem sofrido pra esses que são so os homens agora esses que tem família tem a mulher que ajuda né. (Entrevistado 08)

(012) eles contam assim, por exemplo, que aqui é muito quente sempre então eles começa corta cana e chega uma hora que eles sentem muito calor se eles não pararem ele desmaia. Então eles falam que já viu colega deles desmaia e como demora o socorro ele percebe que esta sentindo muito calor eles param um pouco, descansar um tempo tomar uma água se não eu desmaio. (Entrevistado 08)

(013) é muito sofrida a questão da coluna tem problema de coluna tem que fazer tratamento e tomar injeção. Outros falam que tem que comprar vitaminas pra tomar na farmácia por conta deles mesmos e eles falam que tem que tomar vitaminas se não agüenta só com a alimentação. (Entrevistado 05)

A natureza do trabalho do corte da cana pode ser elucidado pelo fragmento discursivo (014). Apesar de ser uma atividade que exige exacerbado esforço físico, a mesma não apresenta contornos claros de complexidade. Conforme pode ser visto abaixo, na perspectiva de um trabalhador, o trabalho consiste, basicamente, em um ato de “abraçar”, “cortar” e “derrubar” a cana. Há que se destacar, neste ponto, a utilização do verbo abraçar como potencialmente carregado de afetividade, uma vez que a cana é considerada por estes trabalhadores como sendo fonte para a realização de seus sonhos.

(014) O trabalho é abraçar a cana cortar e derrubar no jeito mesmo (Risos) (Entrevistado 01)

Nota-se, ainda, um pressuposto implícito no fragmento discursivo (013) relacionado a idéia de que a atividade do corte de cana é, de alguma forma, padronizada e repetitiva. Pode-se vislumbrar, na fala do trabalhador acima, um claro movimento cíclico de “abraçar/cortar/derrubar” que se prolonga pelas diversas horas do dia. Convêm destacar, ainda, que este ciclo pode ser mais ou menos rápido em decorrência do status da cana que está sendo colhida (em pé ou embaraçada).

(015) Quando você pega uma cana em pé é bom até, mas quando você pega uma cana embaraçada é triste e se não for um cara bom de podão não sai do lugar. (Entrevistado 07)

No que diz respeito ao grau de periculosidade associado à atividade do corte de cana, um dos principais aspectos apontados pelos trabalhadores pode ser visto no fragmento (016). Os acidentes de trabalho aparecem como um dos principais problemas relacionados a atividade, uma vez que os cortes devem ser feitos próximos ao chão (possibilidade de corte

nos pés e nas mãos que seguram a cana). Convêm destacar, ainda, que os acidentes de trabalho são freqüentes, na perspectiva dos trabalhadores, embora grande parte deles utilize os equipamentos de segurança. Conforme pode ser visto no fragmento discursivo (017), outra fonte potencial de perigos na atividade de corte de cana são os insetos e animais peçonhentos (cobras, por exemplo).

(016) Que nem teve uma vez que o cara passou o podão aqui que quase separou eu que tive que amarra um pano para a munheca dele não separar. (Entrevistado 06)

(017) Muita abelha por causa do cheiro do melaço, é um risco permanente de ferroada né. E também a perneira por que é o que protege a perneira, a botina com ponta de ferro e isso tem que ter fiscalizado por que se de repente um podão daquele bate na cana e passa direto, escorregar ou ate mesmo o capim pode cortar, já teve varias situação de trabalhadores que ficaram em situação perigosíssima. (Entrevistado 04)

4.3. A organização do trabalho

No que tange a organização da atividade de corte de cana na região de Ituiutaba-MG, podemos observar, inicialmente, que os trabalhadores apresentam, em sua maioria, carteira de trabalho assinada. Além disto, é importante destacar que o exercício da atividade no dia-a-dia é feito em grupos de 30 a 35 pessoas, sob a supervisão de um fiscal de campo. Tal fiscal é responsável, principalmente, pela supervisão acerca da utilização dos equipamentos de segurança (EPI's), bem como do exercício da atividade de corte em si (padrões de qualidade, treinamento, velocidade, entre outros).

(018) Ensina. Às vezes eles ensinam ou às vezes é um colega que esta trabalhando perto da gente que ensina como cortar a cana vai falando é assim, e assim e vai ensinando direitinho. (Entrevistado 06)

Conforme pode ser observado no fragmento discursivo (018), não há uma clareza no que diz respeito ao fornecimento de treinamento formal da empresa para o exercício da atividade de corte de cana. Por se tratar de uma atividade de natureza simples, parece haver, na verdade, um auxílio por parte dos colegas de trabalho para o aprendizado do novo funcionário (fragmento 019). Há, ainda, implícito no fragmento discursivo (019) a ideologia do trabalho duro e da persistência como elementos importantes para o sucesso e o crescimento do indivíduo. Tal realidade pode ser constatada, ainda, pelo uso da repetição dos fragmentos “vai ser sua vontade que vai te ensinar, é a sua vontade que vai colocar você pra frente”.

(019) ninguém te ensina lá, você vai trabalhar e vai ser sua vontade que vai te ensinar, é a sua vontade que vai colocar você pra frente. (Entrevistado 03)

Convêm destacar, no entanto, que tal treinamento informal é feito no próprio exercício da atividade e que o “instrutor” não interrompe seu trabalho para ensinar o novo funcionário. Grande parte desta não interrupção pode estar relacionada à natureza da atividade de corte de cana, bem como a remuneração relacionada à mesma.

(020) depende do tipo da cana tipo assim, ô tem que se é pra cada homem libera 100 metros, 200 metros, 150 depende do tipo da cana, pra cada pessoa, né? (Entrevistado 03)

(021) É o seguinte a cana, se na época que o trabalho for prestado se ela tiver em pé, reta ela tem um valor, porque ela é mais fácil de ser cortado, se essa cana tiver caída, caída no chão, pelo fato do trabalho ter que se abaixar para pode-la cortá-la então ela também tem um preço maior, e da mesma maneira a cana se ela tiver queimada, o serviço do trabalhador é mais fácil por que reduz a quantidade de palha né, então tem outro valor diferente e se ela tiver crua é mais cara. (Entrevistado 08)

Conforme pode ser visto nos fragmentos discursivos (020) e (021), cada trabalhador corta, em média, de 100 a 200 metros de cana dispostas em cinco linhas (talhas). O grau de dificuldade do trabalho, bem como a remuneração associada, está relacionado, principalmente, a conformação da cana na área de plantio. A chamada “cana em pé”, que nada mais é do que a disposição do produto em 90 graus, facilita a atividade do corte, porém, reduz o preço por tonelada. Cumpre destacar, neste momento, que a remuneração é de natureza variável (por produção) e que não existe um fixo (mínimo) para este tipo de atividade. A chamada “cana deitada” impõe uma dificuldade maior ao corte, gerando, inclusive, problemas físicos (dores na coluna). Conforme pode ser visto no fragmento (021), o preço associado a este tipo de cana é, relativamente, maior.

É importante destacar que o discurso do trabalho duro e da persistência pode estar relacionado, fundamentalmente, a forma de remuneração adotada neste tipo de atividade. Neste sentido, qualquer perda de tempo implica, necessariamente, na perda de parcela da remuneração por parte deste trabalhador. Há que se dizer, também, que a pesagem da produção não é feita na frente dos trabalhadores. A mesma é feita por um fiscal em uma área separada do corte. Esta realidade, conforme pode ser visto no fragmento (022), gera descontentamento e desconfiança por parte dos trabalhadores. Parece haver, na verdade, indícios de que parte do processo de exploração do trabalho seja exercido, exatamente, neste momento específico da produção.

(022) chegava lá e a gente perguntava quanto que ainda precisava pra dar uma tonelada e eles falavam sempre que eram 15 metros pra dar uma tonelada e sempre eles falavam que tinha feito 16 e alguma coisa e nem dava aquilo e às vezes quando eu saía lá onde eles estavam eu pensava que esses cortadores de cana são vagabundos eles não estão pesando as canas é nada. (Entrevistado 05)

Outra forma de exploração do trabalho consiste, basicamente, em plantar a cana em um espaço menor. Tal realidade, conforme pode ser visto abaixo, faz com que o trabalhador tenha elevar a sua produtividade sem, necessariamente, aumentar seus rendimentos.

(023) essas usinas ganharam mais dinheiro e melhorou a qualidade da cana e passou a plantar a cana mais perto do que era plantado no passado e então o trabalhador corta mais cana em menos espaço (Entrevistado 05)

Por fim, no que diz respeito à alimentação, a mesma não é fornecida pela empresa e cabe, exclusivamente, ao próprio funcionário. Conforme destacado nos parágrafos acima, a jornada de trabalho do cortador inicia-se, exatamente, com o preparo da “marmitta” que será consumida por volta das 11:00h. Em relação ao fornecimento de água, a mesma encontra-se nos ônibus que transportam os trabalhadores e apresenta-se em temperatura ideal para o consumo (gelada). Em relação ao uso de banheiros, ressalta-se que, embora os mesmos encontrem-se nos ônibus de transporte, os trabalhadores preferem utilizar o próprio espaço de trabalho para o uso de suas necessidades. Tal estratégia está relacionada, inclusive, com a lógica da remuneração por produção que faz com que cada perda de tempo seja considerada uma perda nos salários.

5. Considerações Finais

O objetivo deste artigo consistiu em compreender, a partir de uma abordagem psicossocial, as representações sociais do trabalho na atividade de corte de cana-de-açúcar. Para tanto, foram estudados, por meio de pesquisa qualitativa fundamentada na técnica de análise do discurso, trabalhadores rurais do setor sucroalcooleiro que atuam na cidade de Ituiutaba, situada na região do Triângulo Mineiro, Minas Gerais.

A análise do material empírico coletado percorreu três eixos principais, quais sejam: o ser migrante, o ser trabalhador e a organização do trabalho. Pôde-se constatar, através das entrevistas realizadas, que grande parte da mão-de-obra empregada na atividade do corte de cana em Ituiutaba-MG tem origem em regiões pobres (Nordeste e Norte de Minas Gerais, principalmente). Deixando suas famílias, estes trabalhadores buscam melhores condições salariais em uma atividade fortemente marcada pelo esforço físico, pela insalubridade (calor excessivo, por exemplo), pela periculosidade (acidentes de trabalho) e pela precariedade (utilização de banheiros, por exemplo).

Conclui-se, portanto, que a atividade de corte da cana-de-açúcar, remunerada em termos de produção, marca a subjetividade do trabalhador, inculcando nele uma forte ideologia do “trabalho árduo” como o único caminho para o sucesso. Tal busca, por sua vez, leva estes trabalhadores a uma situação de extremo desgaste físico e emocional que antecipa sua vida laboral. Configuram-se, assim, representações sociais do trabalho vinculado à atividade de corte de cana, que envolvem desde aspectos objetivos, como as condições de trabalho (envolvendo elementos associados à saúde, higiene e segurança no trabalho), a aspectos subjetivos, como as relações de trabalho e a (re)produção e (re)significação da condição do sujeito trabalhador inserido nesse contexto precarizante.

No que diz respeito as limitações da pesquisa, podemos destacar a incapacidade de transpor a realidade apresentada para outros espaços de cultivo da cana-de-açúcar no Brasil, especialmente na região de origem destes trabalhadores (nordeste). Sugere-se, assim, que outras pesquisas tenham, por objeto, a comparação das realidades práticas e representacionais vivenciadas por trabalhadores do corte de cana nas mais variadas regiões brasileiras e que outras ocupações sejam, também, analisadas (bituqueiras, por exemplo). Por fim, espera-se que, com este trabalho, todo um universo “invisível” e “precarizado”, “lar” de um enorme contingente de trabalhadores, passe a ser objeto de reflexão por parte da academia, possibilitando a geração de estudos e pesquisas que busquem problematizar essa realidade.

6. Referências

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 2001.
- ANDRADE, Á. L. S.; CAPPELLE, M. C. A.; BRITO, M. J.; PAULA NETO, A.; VILAS BOAS, L. H. B. Gênero nas Organizações: um estudo no setor bancário. **RAE Eletrônica**, v. 1, n. 2, p. 02-15. 2002.
- AZEVEDO, D.; WALBER, A. L. S.; SCHUJMAN, A.; GARAY, A. B. C. Representações Sociais de RH: um estudo exploratório com alunos de graduação. **Organizações & Sociedade**, v. 19, n. 60, p. 51-66, mar. 2012.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**: tratado da sociologia do conhecimento. 25ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 274p.
- BORGES, J. F.; MEDEIROS, C. R. O.; CASADO, T. Práticas de gestão e representações sociais do administrador: algum problema? **Cadernos EBAPE.br**. v. 9, n. 1, p. 530-568, 2011.
- BRYMAN, A. **Research Methods and Organization Studies**. London: Routledge, 1992.
- CARDOSO, S. H. B. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CORREA, A. M. H., GONTIJO, M. C. L.; ASSIS, L. B.; CARRIERI, A. P.; MELO, M. C. O. L. Soldadinhos-de-chumbo e Bonecas: representações sociais do masculino e feminino em jornais de empresas. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, n. 2, p. 191-211, 2007.
- DUNHAM, F. B.; BOMTEMPO, J. B.; FLECK, D. L. A Estruturação do Sistema de Produção e Inovação Sucroalcooleiro como Base para o Proálcool. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 10, n. 1, p. 35-72, jan./jul. 2011.
- DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DURKHEIM, É. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999 b.
- DURKHEIM, É. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999 a.
- DURKHEIM, É. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.
- FARR, R. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs). **Textos em representações sociais**. Vol.1. 2a Ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 31-59.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2003.
- GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. da (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 89-112.
- GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. de. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. da (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 303-323.
- GUI, R. T. Prazer e Sofrimento no Trabalho: representações sociais de profissionais de recursos humanos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, n. 4, p. 86-93, 2002.
- IÑIGUEZ, L. **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Belo Horizonte: Vozes, 2005.
- IRIART, J. A. B.; OLIVEIRA, R. P.; XAVIER, S. S.; COSTA, A. M. S.; ARAÚJO, G. R.; SANTANA, V. S. Representações do trabalho informal e dos riscos à saúde entre trabalhadoras domésticas e trabalhadores da construção civil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 1, p. 165-174, 2008.

JUNQUEIRA, C. L.; STERCHILE, S. P. W.; SHIKIDA, P. F. A. Mudança Institucional e o Impacto no Padrão Tecnológico: O caso da mecanização da colheita de cana-de-açúcar no Paraná. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 11, n. 1, p. 87-105, 2009.

LANE, S. T. M. Usos e abusos do conceito de Representação Social. In: SPINK, M. J. P. **O Conhecimento no Cotidiano: As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

LESCURA, C.; BRITO, M. J.; BORGES, A. F.; CAPPELLE, M. C. A. Representações sociais sobre as relações de parentesco: estudo de caso em um grupo empresarial familiar. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, n. 1, p. 98-117, fev. 2012.

LUSTOSA, M. C. J.; BARBOSA FILHO, A. C. G. Pressão do Mercado ou Regulamentação: Determinantes das inovações ambientais na cadeia produtiva do etanol. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 5., 201, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPPAS, 2010.

LUZ, V. G. *et al.* Trabalho e desgaste de migrantes no corte manual de cana de açúcar no Estado de São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, out. 2012.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise de discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORAES, M. A. F. D. Indicadores do Mercado de Trabalho do Sistema Agroindustrial da Cana-de-Açúcar do Brasil no Período 1992-2005.

OLIVEIRA, D. C.; FISCHER, F. M.; TEIXEIRA, M. C. T. V.; Sá, C. P.; GOMES, A. M. T. Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 763-773, 2010.

OTENIO, C. C. M.; NAKAMA, L.; LEFEVRE, A. M. C.; LEFEVRE, F. Trabalho multiprofissional: representações em um serviço público de saúde municipal. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 4, p. 135-150, 2008.

PEREIRA DE SÁ, C. Representações Sociais: o conceito e o estado da atual teoria. In: SPINK, M. J. P. **O Conhecimento no Cotidiano: As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

PERES, F. Saúde, trabalho e ambiente no meio rural brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 6, p. 1995-2004, dez. 2009.

ROCHA, F. L. R.; MARZIALE, M. H. P.; HONG, O.-S. Work and Health Conditions of Sugar Cane Workers in Brazil. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 4, p. 974-979, 2010.

RUMIN, C. R.; SCHMIDT, M. L. G. Influências das condições e organização do trabalho de uma indústria de transformação de cana-de-açúcar na ocorrência de acidentes de trabalho. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 4, p. 56-67, dez. 2008.

SALLES, D. M. R.; COSTA, I. de S. A. da. Representações do trabalho: estudo sobre confinamento na indústria petrolífera. **Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 3, p. 230-242, jun. 2013.

SAWAIA, B. B. Representação e ideologia – o encontro desfeticizador. In: SPINK, M. J. P. **O Conhecimento no Cotidiano: As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

SILVA, P. R.; SACHUK, M. I. Trabalho e Emancipação: o caso dos ex-cortadores de cana-de-açúcar da região noroeste do Estado do Paraná. **Gestão & Regionalidade**, v. 28, n. 83, mai./ago. 2012.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs). **Textos em representações sociais**. Vol.1. 2a Ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 117-145.

SPINK, M. J. P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, v.9, n.3, p. 300-308, jul/set, 1993.

SPINK, M. J. O estudo empírico das representações sociais. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. Vol 1. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 85-108.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.